

BOLSAS	BOVESPA	GLOBAL 40	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quarta-feira (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, quarta-feira	Quarta-feira (em R\$)	Últimas cotações (em R\$)	Turismo, venda (em R\$) na quarta-feira	Na BM&F o grama (em R\$)	Prefeado, 30 dias (em % ao ano)
+0,96% São Paulo	-1,51% Nova York	US\$ 1,075 (▼ 0,46%)	R\$ 2,309 (▼ 0,47%)	28/janeiro 2,27 29/janeiro 2,29 30/janeiro 2,31 02/fevereiro 2,32 03/fevereiro 2,32	R\$ 3,073 (▼ 1,73%)	R\$ 66,000 (▲ 1,22%)	12,55%
							IPCA do IBGE (em %)
							Agosto/2008 0,28
							Setembro/2008 0,26
							Outubro/2008 0,45
							Novembro/2008 0,36
							Dezembro/2008 0,28

BOLHA GLOBAL

A fim de conter desaceleração da economia, governo amplia e fortalece programa de obras de infraestrutura. Investimento totalizará R\$ 1,1 trilhão até 2010, ano da eleição presidencial

R\$ 446 bi contra crise

VICENTE NUNES,
EDNA SIMÃO E
DANIEL PEREIRA
DA EQUIPE DO CORREIO

Ciente de que o Brasil mergulhou em uma recessão técnica — com queda por dois trimestres consecutivos do PIB —, o governo decidiu transformar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em um programa anticrise para tentar salvar 2009 e garantir um crescimento razoável em 2010, ano de eleição presidencial. Numa jogada de marketing, já que ninguém acredita na capacidade do governo de cumprir todas as suas promessas, dado o desempenho do PAC até aqui, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, anunciou ontem que o volume de investimentos previstos no programa aumentou 65,6%, passando dos R\$ 693,1 bilhões anunciados em 2007, para R\$ 1,148 trilhão, e se estenderá para além de 2010, conforme antecipou o *Correio*.

Desse novo montante, há o compromisso de desembolso de R\$ 446 bilhões — o PAC anticrise — neste ano e no próximo. A quantia se refere à soma dos R\$ 303,9 bilhões do programa original, previstos para serem gastos entre 2007 e 2010, mas que não saíram do papel, com os R\$ 142,1 bilhões adicionados no programa ampliado. O governo acredita que, se boa parte desse dinheiro efetivamente chegar à economia, conseguirá suprir parcela da retração provocada pela falta de demanda externa. Como os principais consumidores dos produtos brasileiros, os EUA e a Europa, estão em recessão, a aposta é de que as obras do PAC sustentem o mercado interno e, principalmente, absorvam parte dos trabalhadores dispensados, sobretudo, pela indústria.

Antevendo as críticas e o ceticismo em relação ao “PAC bombado”, Dilma iniciou a sua exposição sobre os dois anos do programa negando que ele seja uma obra de marketing. “O PAC não é um produto do papel nem uma peça de marketing. As novas obras evidenciam que o PAC é de carne e osso dos trabalhadores, dos empresários, de concreto e aço”, afirmou. Segundo a ministra, o governo está convencido de que, com a ampliação do programa, o Brasil terá condições de continuar crescendo, ainda que em um ritmo menor do que o verificado antes da crise internacional (entre 5% e 6%). Por isso, não haverá cortes de verbas do PAC, apesar do contingenciamento de R\$ 37,2 bilhões do Orçamento da União de 2009.

Na avaliação do ministro da Fazenda, Guido Mantega, diante da crise, se o Brasil não tivesse criado o PAC em 2007 teria de fazê-lo agora. Apesar do reforço, Mantega admitiu que, se necessário, o governo usará os R\$ 14,2 bilhões do Fundo Soberano para bancar parte das obras. “O Fundo foi criado para se fazer poupança nos momentos de vacas gordas para ser usada em períodos de vacas magras. Se 2009 não será um ano de vacas magras, será pelo menos de vacas mais esbeltas. Podemos usar o fundo em lugar de recursos orçamentários”, disse.

Estatais

Dilma acrescentou que, por não ser um pacote fechado, o PAC permitirá ao governo substituir obras. Ela deixou claro ainda que interessa ao governo antecipar obras e garantir um ritmo mais acelerado para enfrentar a crise. “Estamos em condições de minimizar os efeitos da crise porque tomamos um conjunto de medidas. O governo não está parado, não está inerte”, frisou. Segundo a ministra, com o “novo” PAC, a previsão de investimentos em logística passou de R\$ 58,3 bilhões para R\$ 132,2 bilhões. Para obras de energia, houve um salto de R\$ 464 bilhões para R\$ 759 bilhões e, no caso dos projetos das áreas sociais e urbanas, o incremento foi de R\$ 170,8 bilhões para R\$ 257,0 bilhões.

Boa parte da nova “musculatura” do PAC foi possível graças à inclusão dos investimentos de R\$ 93 bilhões que serão realizados pela Petrobras. Na opinião da ministra, não há nada contrário ao uso das estatais no reforço do programa. “Ampliamos os investimentos da Petrobras e da Eletrobrás e reforçando (em R\$ 100 bilhões) o caixa do BNDES para garantir investimentos de longo prazo”, destacou.

Para o presidente da Câmara Brasileira da Construção Civil, Paulo Safady Simão, o governo deve ser mais ágil. “No Ministério dos Transportes, há R\$ 7 bilhões em projetos parados no PAC e R\$ 5,5 bilhões prontos para serem executados, que estão fora do programa”, destacou. Segundo o presidente da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústria de Base (Abdib), Paulo Godoy, o PAC está no caminho certo, mas é fundamental que o crédito seja restabelecido logo.

correio braziliense.com.br

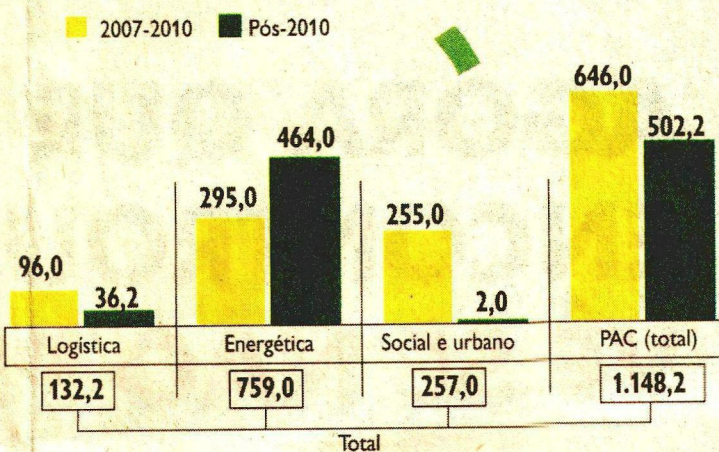


Leia íntegra:
balanço de dois anos do PAC

INVESTIMENTO TURBINADO

Balanço de dois anos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) ganha novas obras e inclui R\$ 1,148 trilhão em recursos

Em R\$ bilhões



ALGUMAS OBRAS E AMPLIAÇÕES

	Investimentos (R\$)
Rodovias	
Duplicação e melhoramento Contorno de Fortaleza (BR-020/CE)	141 milhões
Duplicação Caruaru- Santa Cruz do Capiberibe (PE)	248 milhões
Duplicação Eldorado do Sul — Pantano Grande (RS)	208 milhões
Construção e pavimentação da entrada BR-364 (RO)	175 milhões
Construção da entrada BR-163 (divisa estados de MS/GO)	205 milhões
Concessão de rodovias	
BR-040: trecho Brasília/DF- Juiz de Fora/MG	3 bilhões
BR-116: divisa BA/MG e Divisa de MG/RJ	3,6 bilhões
BR-381: entroncamento MG-020 — Governador Valadares	2 bilhões
Ferrovias	
Trecho Sul da Ferrovia Norte Sul: Palmas/TO — Estrela do Oeste/SP	5,2 bilhões
Trem de Alta Velocidade: Rio/São Paulo/Campinas	US\$ 11 bilhões
Concessão de rodovias	
BR-040: trecho Brasília/DF- Juiz de Fora/MG	3 bilhões
BR-116: divisa BA/MG e Divisa de MG/RJ	3,6 bilhões
BR-381: entroncamento MG-020 — Governador Valadares	2 bilhões
Hidroviás	
Hidrovia do Tocantins	140 milhões
Aeroportos	
Aeroporto de Viracopos (SP)	161 milhões
Petróleo e Gás Natural	
28 soldas de perfuração para águas profundas	38,2 bilhões
Projeto Piloto de Guará — Pré-sal	9,5 bilhões
Piloto de Produção Tupi — Pré-sal	9,3 bilhões
Teste de longa duração de Tupi — Pré-sal	615 milhões
Desenvolvimento da produção — Exploração do Pré-sal	2,4 bilhões
Metrô	
Expansão da linha 2 do Metrô de São Paulo	1,9 bilhão
Expansão da linha 1 do Metrô do Rio de Janeiro	478 milhões
Recursos Hídricos	
Programa Água para Todos (Alagoas, Bahia, Minas Gérias, Pernambuco e Sergipe)	307 milhões
Barragem Figueiredo/CE	121 milhões
Projeto de Irrigação Santa Cruz do Apodi/RN	90 milhões
Barragem Taquara/CE	86 milhões

Geração de Energia
(Hidrelétricas)

Pécem II (CE)

Suapec II (PE)

Meta distante

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, bem que tentou não dar o braço a torcer. Mas, durante a apresentação do balanço de dois anos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), ele sinalizou que o governo já não acredita mais na possibilidade de o país crescer 4% em 2009, diante de todas as dificuldades enfrentadas pela economia — a produção encolheu 12,4% em dezembro e continuou em queda em janeiro. Indagado pelo *Correio* se ele havia abandonado a meta de 4%, respondeu: “Não abandonei. O que eu sempre disse foi que 4% não é um número fatídico. O FMI (Fundo Monetário Internacional) falou em 1,8%, alguns analistas falam em 1,5% e outros, em 2,5%. Acho que nós temos que ser ousados. Não é momento de ficar parado olhando a coisa desacelerar. Temos tomado medidas praticamente toda semana”.

Mantega admitiu que o futuro da economia brasileira está atrelado ao que ocorrer no mundo. “Gostaria de ter uma bola de cristal para ver o que acontecerá”, disse. A despeito da unanimidade do mercado de que o Brasil está em recessão técnica, com quedas no Produto Interno Bruto (PIB) no último trimestre de 2008 e no primeiro deste ano, o ministro refutou esse quadro. “O Brasil não está em recessão”, frisou. Os analistas preveem retração de até 3% no quarto trimestre de 2008 e de até 1% nos primeiros três meses de 2009. O próprio presidente Lula admitiu a retração. Ontem, durante a posse da diretoria do Sebrae, ele alertou que o país pode ter problemas na balança comercial, devido à recessão nos Estados Unidos e na Europa e à desaceleração da China.

Em reunião no Ministério da Fazenda, o Grupo de Acompanhamento da Crise, comandado por Mantega e pelo presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, os empresários pediram redução mais rápida da taxa básica de juros (Selic) e criticaram os bancos públicos, que estariam lentos na liberação de crédito, que continua seletivo, curto e caro. (VN e ES)